

Pedagogia do Engajamento

Flávia Obino Corrêa Werle*

DAMASCENO, Maria Nobre. *Pedagogia do Engajamento*: trabalho, prática educativa e consciência do camponês. Fortaleza, Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1990.

Pedagogia do Engajamento focaliza as relações que ocorrem entre as condições de existência e de trabalho do camponês nordestino, a prática de educação popular desenvolvida pelo Movimento de Educação de Base (MEB), e a formação da consciência, a organização e a prática políticas deste grupo social. O eixo teórico que orienta a apreensão e compreensão dos fatos empíricos relacionados a esta problemática é a concepção dialética da sociedade.

Inicialmente, a autora discute o camponês no contexto estrutural capitalista, identificando a condição do camponês como classe subalterna do sistema capitalista. Relacionando a seguir hegemonia e educação, comenta a teoria crítico-reprodutiva no âmbito da educação, considerando-a importante mas impotente para descartar a dinâmica da História, por ser simples desmistificadora de uma prática conduzida por teorias não-críticas e, pouco esclarecedoras das possíveis rearticulações e redefinições político-ideológicas que possam estar sendo elaboradas pelas classes subalternas.

Para construir uma argumentação que ultrapasse a concepção crítico-reprodutiva da educação, a autora apóia-se, fundamentalmente, em Marx e Gramsci. Considera os aspectos estruturais e superestruturais em dialética conexão, como momentos da realidade social e expressão da ação histórica do homem. Por existirem espaços livres que permitem a atuação

política e a reelaboração das concepções de mundo de parte das classes dirigidas, a sociedade civil não se submete de forma absoluta à sociedade política. É nesta possibilidade de construção de uma contra-hegemonia que a educação atua.

Seguindo esta linha de pensamento, a autora destaca algumas questões básicas: o conceito de homem-processo — ser de relações — e de homem ser de transformação — sujeito que transforma a si e seu meio; o educador como intelectual orgânico; a educação como projeto político; a prática educativa como reelaboração ou reprodução do saber e das relações de poder. A ação pedagógica, em sua perspectiva, inclui um conjunto de relações que ocorrem em vários níveis da sociedade, e não apenas na escola. Sendo assim, a autora apresenta a cultura como um processo de formação e de desenvolvimento da consciência, ou seja, ambas — consciência e cultura — são realidades humanas em mútua transformação. O educador, neste contexto, precisa ter presente sua função diretiva na sociedade e identificar seu papel de representante da consciência crítica coletiva, atuando como um efetivo elemento de integração entre o meio e o educando.

São importantes na argumentação da autora os conceitos de consciência possível (consciência de classe concretizável num futuro próximo, objetivando a transformação da realidade) e consciência real (consciência efetiva de um dado grupo social num definido tempo e espaço, vinculada a interesses específicos). Como um dado grupo social não se identifica como classe (consciência possível) de forma homogênea e totalizante e nem dispõe de uma concepção coerente e articulada da realidade e seu contexto (consciência real), é preciso buscar a elevação em nível da

(*) Professora da PUC/RS e UNISINOS. Doutoranda em Educação.

consciência histórico-crítica, por meio da educação transformadora. Esta deverá apresentar dois momentos simultâneos e articulados entre si: o de crítica à ideologia dominante, e o de, trabalhando o senso comum, construção de uma concepção de mundo adequada aos interesses das classes populares, contribuindo para a formação da consciência possível, transformadora.

O segundo capítulo é dedicado a uma reflexão sobre metodologia, procedimentos de pesquisa e níveis de análise. Como já foi dito acima, a autora utiliza a metodologia dialética por entendê-la como apropriada para a compreensão dos fatos sociais e sua análise interpretativa. Por isto explicita neste capítulo, o que na leitura dos capítulos seguintes se verifica, ou seja, que discutirá o fato empírico imediato, diante dos conceitos mencionados, articulando assim os dados da realidade à produção de idéias e conceitos. Damasceno acredita que o ato de conhecer envolve relações entre seus componentes indutivo e dedutivo, por isso enfatiza a importância da teorização previamente definida, sem o que o pesquisador perderia o domínio dos aspectos metodológicos e epistemológicos da investigação.

Para desenvolver o trabalho empírico no meio rural do Ceará, que durou aproximadamente oito meses, a autora adotou uma metodologia do tipo estudo de caso, procedendo à análise de documentos, observação participante e entrevistas.

São três os níveis de análise adotados. O primeiro, utilizado para analisar a situação do camponês, enfoca as frações que compõem o grupo camponês, e a dependência da produção camponesa ao capital. O segundo, trata as relações entre educação e hegemonia sob o enfoque da reprodução e da transformação social, envolvendo três dimensões: a proposta educativa das Comunidades Eclesiais de Base pertencentes ao Movimento de Educação

de Base da Igreja Católica (MEB/CEBs), o saber resultante da prática de educação comunitária do MEB/CEBs, e as relações de poder entre diferentes elementos envolvidos nesta ação educativa. No terceiro nível, a discussão se dá com apoio nos conceitos de hegemonia e consciência de classe real e possível, envolvendo a auto-identificação do camponês como classe, concepções e atitudes ante o processo político, e o projeto camponês, sua organização e prática políticas.

Ao discutir, no capítulo terceiro, as condições de existência e de trabalho do camponês, a autora caracteriza o grupo em estudo como uma grande massa de despossuídos do sistema, fracionando-o em três subgrupos (camponeses pobres, camponeses semiproprietários e camponeses pequenos proprietários).

As CEBs realizam um processo de homogeneização cultural, fundamentada no personalismo cristão, com um enfoque idealista da realidade, postulando a integração entre a reflexão bíblica e a vida concreta dos indivíduos cuja consciência independe da determinação do real e antecede à ação. A ênfase da proposta educativa do MEB é a conversão, possível pelo diálogo, objetivando humanizar e personalizar o ser humano, fazê-lo participante e organizado.

Damasceno analisa a seguir a proposta educativa em realização na área em estudo, avaliando suas conseqüências históricas. Para tanto enfoca aspectos da vida comunitária: reflexões de grupos comunitários, cânticos, a escola, lutas e conquistas de frações do grupo.

Ao analisar as relações de poder articuladas à prática educativa da Igreja, a autora considera que a Igreja, manifestando sua opção pelos pobres, reflete o interesse de manter-se hegemônica quanto à moral e religião, pelo menos em relação aos camponeses, haja vista ter perdido sua força junto ao operariado urbano com a seculariza-

ção da sociedade moderna. Tal interesse faz com que esta prática social seja marcada, profundamente, pela contradição entre a doutrina social proclamada e as formas de organização utilizadas autoritárias e centralizadas.

Isto dificulta a elaboração do saber pelas camadas populares e, conseqüentemente, o avanço de seu processo de libertação.

A autora ressalta que a contradição evidenciada entre o discurso e a prática dos grupos comunitários não é, entretanto, uma realidade restrita à área investigada, mas reproduz a ambigüidade mais ampla da Igreja.

Como tentativa emergente de reelaboração do saber nos movimentos populares de educação, a autora apresenta as modificações nas relações agente grupo de base, substituindo um modelo de agente impositivo, por um agente centrado no saber do povo e respeitador do nível de consciência existente, e a preocupação com a preservação e revitalização da cultura popular. Destacando estudos anteriores, a autora defende que as posições espontaneístas emergentes entre segmentos da educação popular católica expressam uma orientação populista, caracterizando-se pela recusa à abstração, à atividade racional, ao saber científico, negando assim o materialismo histórico e favorecendo o conservantismo social.

A autora mostra que o camponês expressa de forma clara e direta que tem consciência de sua situação de classe, e que rejeita a política e as eleições por ser alvo de manipulação de grupos dominantes. Decorre daí que, para o camponês, a política partidária praticada no meio rural do Nordeste não se constitui em espaço favorecedor de mudanças sociais.

Analisando os dados empíricos, Damasceno procura desvendar os limites e as possibilidades do projeto camponês. Dentre as soluções analisadas, estão a posse da terra como o projeto mais relevante e prioritário, a adoção

de estratégias de desenvolvimento comunitário, e o sindicato de Trabalhadores Rurais, este como um espaço de confronto de forças, mas onde a mobilização das bases, a alteração de estruturas autoritárias, a manipulação de políticos e a necessidade de democratização são exigências para um maior desenvolvimento.

Ao longo do trabalho a autora demonstra que não cabe à Igreja apresentar-se como instituição de vanguarda do processo de mudança social e política, uma vez que outras instituições sociais fazem isso de forma mais apropriada.

Ressalto nesta obra a grande unidade e articulação de idéias. O texto é denso de conteúdo, mas redigido de forma a proporcionar uma leitura fluida e interessante. As notas de rodapé, breves e esclarecedoras, encaminham o leitor que deseja aprofundar os temas apresentados, sem se constituírem em interrupções à seqüência do texto.

É interessante destacar a integração empírico-teórica dada ao trabalho como um todo. A autora articula e organiza de forma complementar os dados empíricos e os conceitos, interpondo a voz dos camponeses com a elaboração teórica; assim, a fundamentação não fica limitada ao quadro de referências teórico, mas forma uma rede que sustenta toda a estrutura da obra.

É uma importante leitura para quem atua em educação popular, em sociologia da educação e com a problemática da educação do homem rural. Por outro lado, é uma obra que pode ser utilizada para tratar questões de metodologia de pesquisa, por constituir-se em significativo exemplo de utilização da abordagem dialética para as questões sociais.